

## **Crianças em ação comunicativa: diretrizes de AMI para escolas a partir do cassete-fórum digital<sup>1</sup>**

Mayra Fernanda FERREIRA<sup>2</sup>  
Faculdade Metropolitana, Ribeirão Preto, SP

### **RESUMO**

A Alfabetização Midiática e Informacional em ambiente escolar é uma das temáticas contemporâneas, considerando o acesso e os usos das mídias pelas infâncias e juventudes. Tendo como aporte conceitual e metodológico a Comunicação Participativa, este trabalho se apresenta como um modelo propositivo a partir da dialogicidade com crianças de escolas municipais para identificar oportunidades em mídia digital. A partir das vozes infantis na construção e avaliação desta proposta, acredita-se no potencial de promoção da criticidade, criatividade e cidadania diante dos conteúdos midiáticos e dos atores de socialização das infâncias, como o são as próprias crianças e os educadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** infâncias; escolas; participação; cidadania; educação midiática.

### **INTRODUÇÃO**

Na promoção das infâncias, como pressupõe a Comunicação Participativa (Kaplún 1983a), visa-se fomentar espaços para a livre expressividade dos sujeitos, bem como assegurar que possam ter acesso a informações e a compartilhar opiniões sobre temas que lhes são de interesse. Nesse sentido, ao valorizar o público infantil e a atuação social das crianças, os agentes de socialização da infância – a princípio a família, a escola e a mídia (Belloni, 2009) – estariam promovendo uma cultura de participação cidadã. É, a partir dessa perspectiva, que este trabalho fomenta um diálogo com 20 crianças, enquanto sujeitos comunicativos, para debater as potencialidades das expressividades infantis e o modo como se relacionam com as mídias. O objetivo é promover o empoderamento infantil, considerando os pressupostos da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), conforme estabelece a Unesco, tendo como ambiente de mediação as escolas.

Tendo em vista as potencialidades das infâncias no cenário contemporâneo do ecossistema midiático, assim como da escola na promoção de práticas de AMI, aqui se apresenta uma proposta de diretriz para oportunidades em mídia digital para crianças a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Metropolitana. Doutora em Comunicação pela Unesp. Coordenadora de Conteúdo da TV Unesp, email: [mayrajornal@gmail.com](mailto:mayrajornal@gmail.com)

---

ser realizada em ambiente escolar com a mediação de professores e da coordenação com o protagonismo dos próprios estudantes. Tal proposição foi construída a partir do aparato conceitual e metodológico de Mario Kaplún e a dialogicidade entre atores sociais infantis para a promoção de uma comunicação intergrupala e participativa, contando com o método participativo do cassete-fórum adaptado para a dinâmica do ecossistema digital, conforme apresentamos na proposta da plataforma “Infância Nativa” em Ferreira (2020).

## COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA E AS ESCOLAS

“Se comunicar é compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação. A *educação* seria, então, o lugar decisivo de seu entrecruzamento” (Martín-Barbero, 2014, p. 78). Ao reconhecer esse potencial da educação, como nos coloca o autor, o meio escolar e o papel das escolas se colocam como mediadoras comunicativas e que podem contribuir para a participação desde a infância.

Devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização. Cortar o arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos, é a condição para compartilhar, e fecundar mutuamente, todos os saberes, da informação, do conhecimento e da experiência das pessoas; e também as culturas com todas as suas linguagens, orais, visuais, sonoras e escritas, analógicas e digitais. (Martín-Barbero, 2014, p. 120).

Considerando, então, que no ambiente escolar há esse espaço para desenvolver novas habilidades com as crianças e os jovens, utilizando uma diversidade de linguagens e experiências vivenciadas por eles, a mídia-educação e a alfabetização midiática e informacional são propostas a serem consideradas. Segundo Wilson et (2013), na elaboração de um guia para formação de professores em AMI, é sinalizada uma atividade em seis estágios: 1) Definição de necessidades e problemas informacionais a fim de identificar o que se pretende descobrir e qual problema a ser resolvido, bem como identificar o conhecimento prévio sobre o tema; 2) Estratégias de busca de informações, ressaltando quais fontes devem ser consultadas e onde é possível encontrá-las; 3) Localização e acesso às informações, considerando as fontes elencadas

---

na etapa anterior a fim de efetivamente levantar os dados que elas podem fornecer; 4) Avaliação crítica, identificando a confiabilidade, autenticidade e qualidades das informações obtidas junto às fontes; 5) Síntese sobre as informações obtidas e como apresentá-las, partindo da resposta à questão-problema, enunciada na etapa 1, para a organização das informações até então obtidas; e, 6) Uso, compartilhamento e distribuição da informação, de modo que seja possível aplicar as informações ao problema e difundi-las a quem tem a mesma necessidade informacional.

Essa proposta de AMI da Unesco se articula às etapas elencadas por Orozco-Gómez (2014) ao pensar em uma nova participação das audiências: 1) Acesso à informação: competências para se encontrar as informações desejadas, em diferentes formatos, em diversas plataformas; 2) Gestão da informação: classificação e sistematização das informações obtidas, bem como sua conservação na memória individual e/ou coletiva; 3) Integrar à informação: transformação da informação em novos conteúdos, conforme os interesses dos produtores, e posterior difusão; 4) Avaliar informação: análise da legitimidade e da qualidade da informação, em um processo de mídia-educação e da participação dos sujeitos; e, 5) criação de informação: elaboração de uma nova informação, em um processo de desconstrução do que foi analisado e em uma recepção multimodal e transmidial, o que configura a nova cultura da participação.

Nesse contexto, portanto, considera-se que os pressupostos teóricos e metodológicos de Comunicação Participativa são ferramentais potenciais para a promoção da AMI em dialogicidade com a formação crítica das e com as crianças. Mario Kaplún (1984) declara que uma comunicação verdadeira só se efetiva quando os sujeitos comunicantes, ou seja, emissores e receptores dialogam, mesmo que seja por meios artificiais e à distância, uma vez que, para ele, comunicação é intercâmbio, diálogo e reciprocidade. Nessa dimensão, o pesquisador defende uma comunicação dialógica a partir de um modelo participativo – a partir do método cassete-fórum – que confere a esses sujeitos um espaço para que suas vozes ecoem e ajudem a formular ações tendo em vista a transformação social.

O modelo de Comunicação Participativa kapluniano, proposto e praticado inicialmente por camponeses rurais em países da América Latina nos anos 1980, possibilita que os grupos e as comunidades assumam suas vozes para emitir mensagens e interferir no processo comunicativo. A comunicação, então, comporta-se como um processo horizontalizado, no qual há diferentes interlocutores, visto que não há mais

distinção entre emissores e receptores, que se tornam “emirecs”, o que favorece uma prática democrática. Kaplún (1983a), então, defende uma concepção de comunicação como participação, interação e diálogo que aqui se estabelece com as crianças.

## CRIANÇAS EM DIÁLOGO PARA UMA DIRETRIZ

Enquanto um instrumento participativo e transformador, o cassete-fórum se caracteriza como um sistema intergrupar de mão dupla que visa à promoção comunitária e à educação (Kaplún, 1983b), por meio de trocas de mensagens, em uma fita cassete, a partir de uma questão-problema, condizente com a realidade dos grupos participantes, a fim de favorecer a livre expressividade dos sujeitos em prol de uma participação coletiva e em dialogicidade para a transformação da realidade e para o bem coletivo.

Nesse sentido, aqui, nesta proposta, adaptamos as ferramentas do cassete-fórum para a mídia digital com crianças de nove a 11 anos, sendo 20 sujeitos atuantes na pesquisa a partir de uma seleção diagnóstica<sup>3</sup> junto a escolas municipais da cidade de Bauru, interior de São Paulo. A dinâmica prevista nessa adaptação do modelo participativo kapluniano visa situar os educadores enquanto equipe animadora, uma vez que possuem o domínio da situação-problema e da mediação entre os grupos, que são uma amostra dessa infância conectada.

Na realização on e off-line da proposta do cassete-fórum digital, foi possível sistematizar diretrizes, apresentadas no quadro 01, para realização de ações em Comunicação Participativa com as crianças em ambiente escolar.

Quadro 01 – Diretrizes para as escolas

<b>Título:</b> Diretrizes de oportunidades em mídia digital para crianças <b>Atores responsáveis:</b> Coordenação escolar e professores <b>Sujeitos beneficiados:</b> Crianças de nove a 11 anos
<b>Proposta:</b> Utilização do cassete-fórum digital como ferramenta pedagógica de modo que as crianças possam encontrar e produzir informações sobre seus direitos e deveres.
<b>Objetivos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Propiciar a descoberta das crianças sobre os direitos e deveres;</li><li>• Incentivar a busca, a análise e a criticidade diante das informações encontradas on-line;</li><li>• Fomentar a produção e a socialização de conteúdos elaborados pelas próprias crianças.</li></ul>
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"><li>1) O professor deve criar uma atividade na plataforma “Infância Nativa” que compreenda a busca de informações em documentos e sites sobre os direitos e os deveres das crianças;</li></ol>

<sup>3</sup> As etapas metodológicas para seleção dos sujeitos estão explicitadas em Ferreira (2020), assim como as ações participativas junto às crianças.

- 2) Enquanto uma atividade pedagógica, as crianças postarão os conteúdos encontrados na plataforma para avaliação em conjunto com os demais colegas em sala de aula;
- 3) Após a avaliação crítica, as crianças devem elaborar uma síntese das informações e das fontes confiáveis para a pesquisa;
- 4) As crianças devem produzir um conteúdo próprio com base no aprendizado sobre os direitos e os deveres infantis como uma nova atividade no “Infância Nativa”, bem como compartilharem-na nas redes sociais da escola e divulgarem-na entre as outras turmas da escola em uma feira escolar, por exemplo.

Observação: essas etapas compreendem os seis estágios da alfabetização informacional, proposto no currículo para formação de professores (Wilson et al, 2013).

**Resultados esperados:**

- Crianças como protagonistas do aprendizado e sua socialização com os demais;
- Crianças com conhecimento sistematizado e crítico acerca dos direitos e deveres;
- Crianças como produtoras de conteúdo sobre temas que lhe dizem respeito;
- Escola como local de mediação da utilização de plataformas digitais para uma atividade relacionada a demandas das crianças.

Fonte: Elaborada pela autora.

A proposta de AMI para as escolas considera a utilização do cassete-fórum digital como uma ferramenta de Comunicação Participativa em ambiente escolar de modo a auxiliar as crianças na busca, na sistematização, na avaliação e na produção de informações relativas aos seus direitos e deveres. Com essa diretriz, espera-se que com a mediação escolar haja maior envolvimento das crianças na proposta de discussão, ao mesmo tempo em que se amplia o número de sujeitos participantes.

Além desse aspecto, articular o ensino formal com as mídias digitais é uma das potencialidades a serem exploradas, uma vez que “o que se espera do novo desenho educativo formal é o compromisso com um ensino em diálogo crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas, preocupado em fazer o aluno aprender a aprender” (Citelli, 2002, p. 109). Somado a isso, Martín-Barbero (2014, p. 125), ao sinalizar que a Internet potencializa a autoexpressão e a comunicação entre os indivíduos, afirma que a escola não os tem preparado para a escrita digital, mesmo esta sendo “um direito primário do exercício de cidadania”.

Podemos esperar, portanto, que, na era digital, as instituições de ensino tenham um papel a desempenhar na promoção de competências na cultura midiática, na criação de oportunidades para os jovens reivindicarem e exercitarem suas vozes, garantindo que tenham a orientação de que precisam para encontrar o caminho das redes, que serão a fonte produtiva para sua energia e suas necessidades sociais. (Jenkins, 2016, p. 217).

---

Embora haja uma valorização do potencial dessas mídias, acredita-se que elas são uma ponte significativa para o trabalho de AMI em ambiente escolar. No entanto, não podem ser as únicas. Tal diretriz pode ser adaptada conforme a necessidade pedagógica, do conteúdo curricular e da demanda dos estudantes, desde que se mantenham os postulados de garantia de um espaço à livre expressividade das crianças, assegurando seu direito à liberdade de expressão.

### **POTENCIALIDADES DA DIRETRIZ DE AMI**

No bojo de considerações sobre as diretrizes aqui apresentadas e sua dialogicidade com os interesses das crianças, além da identificação de potencialidades do ambiente escolar para a socialização das infâncias e para a promoção da Alfabetização Midiática e Informacional, destaca-se o quão importante é abrir espaço para as vozes infantis, identificando seus interesses e necessidades no que se refere ao ecossistema informacional e comunicativo.

Ao considerarmos a Comunicação Participativa como um espaço de autoexpressividade e de interlocuções, as infâncias podem ser beneficiadas pela valorização dos discursos e de mensagens/conteúdos, além de assumirem o protagonismo de suas ações sobre e com as informações e as mídias. Considerando que as escolas são espaços também de socialização, estabelecer um vínculo entre as práticas pedagógicas, para além da dimensão curricular formal e tendo como meta ações transversais e de uso das mídias não apenas como ferramentas isoladas, a promoção da Alfabetização Midiática e Informacional vai ao encontro das potencialidades das escolas para formação de cidadãos com criticidade frente aos espaços sociais, os quais incluem as mídias e as informações em circulação.

Nas interlocuções estabelecidas com os 20 sujeitos e com as respectivas coordenações escolares, já que as escolas se configuraram enquanto lócus do encontro com os mesmos, identifica-se a pertinência que a diretriz possui, ao passo que sua validação por tais atores é favorável à dimensão aqui sistematizada em prol da atuação crítica das crianças diante da formulação de questões de interesse delas e das trocas dialógicas e participativas on e off-line, já que não apenas as mídias, em seu sentido clássico, mas as ferramentas digitais de comunicação e informação não substituem a presencialidade para o diálogo e para a formação crítica, criativa e cidadã.

---

## REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: aproximações. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002. p. 101-112.
- FERREIRA, Mayra Fernanda. **Infância (n)ativa: potencialidades de participação e cidadania das crianças na mídia digital**. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2020.
- JENKINS, Henry. ‘Convergência e conexão são o impulsiona a mídia agora’. Entrevista a Priscila Kalinke e Anderson Rocha. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 213-219, jan./abr. 2016.
- KAPLÚN, Mario. **Comunicación entre grupos: el método del Cassette-Foro**. Ottawa: CIID, 1984.
- KAPLÚN, Mario. **Hacia una comunicación participativa: entrevista a Mario Kaplún**. Quito: Aler, 1983a.
- KAPLÚN, Mario. **Hacia nuevas estrategias de comunicación en la educación de adultos**. Santiago: Oficina Regional de la UNESCO para America Latina y el Caribe, 1983b.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.
- WILSON, Carolyn; et al. **Alfabetização Midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Tradução de Dermeval de Sena Aires Júnior. Brasília: Unesco, UFTM, 2013.